A BÍBLIA NA ERA DA INTERNET

Wolfgang Gruen

Ouvir e ler ao longo da história

Os cristãos, como outras famílias religiosas, prezam-se de ter um conjunto de Escrituras sagradas, através das quais Deus lhes manifesta de modo especial a sua palavra. Associar a revelação divina a escritos é um importante fato cultural. Supõe longo caminho andado. Vamos recordar este caminho em rápidos traços.

Em tempos remotos, os homens dedicavam-se à caça, pesca, coleta; eram migrantes. Pelo 9º milênio aC, alguns grupos passaram a domesticar animais e cultivar plantas; tornaram-se sedentários. Esta "revolução agrícola" foi a "Primeira Onda" de transformação social na história (Toffler)[1]. Provocou forte crescimento demográfico, possibilitou crescente organização social (primeiro aldeias, depois cidades) e, gradualmente, o surgir de grandes civilizações (pelo ano 4000 aC). Entre as realizações das antigas civilizações interessa aqui a invenção da escrita e sua ligação, desde os inícios, com a religião.

Toda religião tem como ponto de partida alguma experiência religiosa particularmente forte que sente necessidade de irradiar. Nas culturas orais, as mensagens pelas quais se procura transmitir esta experiência são recebidas no mesmo tempo, espaço e horizonte de interpretação em que são emitidas. Foi assim que a humanidade viveu durante milênios; é assim que vive ainda hoje em muitas regiões. A oralidade não é só questão de técnicas[2]. É forma de comunicação que privilegia o contato interpessoal direto; dá valor especial à palavra falada; vê nela um poder misterioso. Serve-se de mímica, gesto, voz e silêncio, música e dança; do símbolo. A mensagem religiosa fundante vai sendo recordada, revivida e passada adiante por repetição, também ela cheia de vitalidade irradiante. Nada se escreve; mas há muita leitura: lêem-se os sinais do clima, o rosto do outro, os anseios do doente; os astros, o vôo das aves, o silêncio. Lê-se a vida.

Aos poucos, grupos humanos serviram-se também de objetos e de sinais: memoriais, marcas, pinturas rupestres, sinais pictográficos convencionais, formas de escrita. Por sua funcionalidade para a estrutura social, foi evoluindo o *tipo* de escrita – ideográfica, fonográfica, alfabética (no 2º milênio aC) –, o *material sobre o qual* se

1. TOFFLER, Alvin e Heidi. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

2. Cf. FEDRY, J., SJ. L'Afrique entre l'écriture et l'oralité, in: *Études,* mai 1977, 581-600. LUMBALA, François Kabasele. L'oralité au service de la catéchèse, in: *Lumen Vitae* 1994/4, 401-412.

escrevia – pedra, tábuas de argila, papiro, pergaminho –, e o *material com que* se escrevia. A adoção da escrita foi uma mudança cultural de forte impacto. Marcou "a transferência da linguagem natural, oral, para a linguagem artificial, escrita"[3]. Agora, emissor e receptor da mensagem podiam estar separados no tempo, no espaço, nas culturas; oficializou-se assim a releitura de uma mensagem fora de seu primeiro contexto; ampliaram-se os horizontes do pensamento e, como corolário, do poder[4]. Por outro lado, perderam-se elementos valiosos da oralidade.

O livro só começou a ter certa circulação na Grécia da segunda metade do século V aC; sua maior difusão terá que esperar até a época do helenismo[5]. Em meados do séc. XV dC, a imprensa com tipos móveis, facilitando a produção e difusão de escritos, será uma das grandes invenções propulsoras do Renascimento. Não tardou a dar origem a todo um novo sistema social, com seu público alvo, escritores e editores, temas e tipo de impresso; no cristianismo ocidental, apesar da difusão de bíblias, marcará a inconfundível era dos catecismos[6]. Nos séculos XVII-XVIII estoura na Europa a "Segunda Onda", a revolução industrial. Esta criou a sociedade de massa, regida pela homogeneidade: serão em massa não só a produção, distribuição e consumo de bens, mas também a educação, a política, a comunicação. Sim, também a impressão e distribuição de bíblias. A imprensa, desde sua origem, já era por natureza um "procedimento produtivo de tipo industrial. O primeiro tão completo na história do homem"[7]. Mas agora a bíblia impressa entra na nova lógica social de massa: para maior difusão, as edições serão cada vez mais jeitosas, portáteis, acessíveis (inclusive por serem financiadas).

Grandes inovações tecnológicas modificam profundamente o tecido social; normalmente, porém, são também fruto de recursos, necessidades e mentalidade daquela sociedade em mudança. Vale a pena avaliarmos o quanto a bíblia e sua leitura foram afetadas ao longo dos séculos pelo progresso tecnológico e o quanto também contribuíram para ele[8].

1. Já mencionamos o impacto cultural na passagem da oralidade para a escrita.

3. GIOVANNINI, Barbara. La nascita della scrittura. Em GIOVANNINI, Giovanni (a cura di). *Dalla selce al silicio. Storia dei mass media.* Torino: Gutenberg 2000, 4ª ed., 1986, 23-75; aqui, p. 45.

4. LÉVY, Pierre. A globalização dos significados. No ciberespaço, o texto perde os vínculos com a cultura em que surgiu, in: *Folha de S. Paulo*, 07.12.1997, caderno *Mais!*, p. 3.

5. Cf. GIOVANNINI, Barbara, *ibid.*, 47.

6. Cf. GRUEN, W. *O catecismo da Igreja católica e a nossa catequese. Perspectivas.* Petrópolis: Vozes, 1995, 21-55.

7. CASTAGNI, Nicoletta. Gutenberg: la mirabile invenzione. Em GIOVANNINI, Giovanni (a cura di), o.c. 77-122, aqui p. 115.

8. Cf. TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã. Introdução à história da Bíblia.* Petrópolis: Vozes, 1995. Também LÉVY, Pierre. A globalização dos significados, in: *Folha de S. Paulo*, 7.12.1997, caderno *Mais!*, p. 3.

2. Uma conseqüência política desta transição foi a pretensão de universalidade por parte de certas "religiões do livro". Só através do livro é possível levar a própria verdade a todos.

3. A divulgação de uma religião depende das facilitações técnicas que seu livro sagrado oferece: tipo de escrita, formato, material empregado. Tabuletas de argila? Nem pensar! Os judeus usavam o "rolo", escrito só por dentro; já era mais prático, mas ainda difícil de manusear e levar em viagens. Os cristãos, em seu zelo missionário, já no século I aderiram ao "códice", tipo caderno ou opúsculo, inventado pelo 190 aC; aliás, foi graças a eles que o uso do códice se firmou e difundiu.

4. À medida que a bíblia circula entre diversos povos, surge a necessidade de traduções, com tudo o que esta atividade envolve. Também aqui, a Bíblia foi pioneira: a Versão dos LXX "constitui o primeiro exemplo de tradução de um corpo de literatura sagrada, legal, histórica e poética, de um povo e de uma língua do mundo cultural semítico, à língua da cultura clássica grega"[9].

5. Somente depois que existe material durável e facilmente manuseável é que se pode pensar em formar um cânon.

6. O que os cristãos chamam de inspiração bíblica supõe um texto fixado e suficientemente bem preservado.

7. Todas estas facilitações promovem maior divulgação do livro; aí, porém, será necessário agilizar sua leitura através da subdivisão do texto (capítulos e versículos), o que supõe certa percepção da estrutura de toda a obra.

8. Uma vez adotado o códice, é natural que se dê aos livros uma seqüência oficial; e que se providencie a classificação dos escritos, o que pode exigir opções teológicas; por exemplo, colocar Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs entre os livros históricos ou como "profetas anteriores"?

9. Interessante também a passagem do ouvir ler para o ler, e da leitura comunitária para a pessoal. São atividades diferentes. Não podemos deter-nos sobre o tema[10].

Tecnologia eletrônica

Foram necessários mais de 10 mil anos para a humanidade passar da Primeira à Segunda Onda, da revolução agrícola à industrial. Apenas 200 anos depois do início da revolução industrial, chegou a Terceira Onda, a revolução da tecnologia eletrônica, iniciada pelos anos 60 do nosso século: as novas tecnologias de ponta, que se atualizam em ritmo jamais visto, resultam em fragmentação da sociedade industrial de massa; a sociedade é agora regida pelo princípio da heterogeneidade; mas é globalizada,

9. TREBOLLE BARRERA, *o.c.* 353.

10. Cf. MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura.* S. Paulo: Companhia das Letras, 1997.

interconectada como nunca dantes. Se com Merlin Donald[11] tomarmos como referencial a evolução da cultura e da cognição, podemos afirmar que estamos vivendo a primeira grande mudança cultural da humanidade em 12 mil anos, ou seja, desde quando nossa espécie iniciou a estocagem simbólica externa de seus conhecimentos pela escrita, continuando depois esta estocagem através de bibliotecas, museus, etc. Agora, segundo Donald, estamos no início de uma transição cultural para o que ele denomina interconectividade acelerada. Também para Pierre Lévy a humanidade está agora no terceiro estágio de sua história[12].

A informática e a telemática, que caracterizam a revolução tecnológica ora em andamento, provocam um suceder-se vertiginoso de novidades. A nanotecnologia já está aí. Que virá depois? Uma revolução tecnológica como esta arrasta consigo todos e cada um dos setores da vida, reestruturando a nossa sociedade. Estão mudando nossas respostas, nossas perguntas, e até os pressupostos do nosso conhecer e questionar; é a crise geral das epistemologias. A realidade é agora encarada em visão holística e sistêmica; não mais em perspectiva teocêntrica ou mesmo antropocêntrica, mas policêntrica; e como processo: a realidade não *é*; *torna-se* continuamente; por isso, é imprevisível. A categoria central da epistemologia é hoje a relação – haja vista os conceitos de ecologia, ecumenismo, articulação, sinergia, solidariedade, partilha, internet, transdisciplinaridade; e, naturalmente, uma perspectiva mais ampla de religião. A própria categoria relação é vista como interação entre sistemas heterogêneos; neste sentido, compreendemos que ela é "complexa", no sentido técnico do termo.

Características da era internet

Não estamos diante de meras novidades tecnológicas, a nos beneficiarem com mais informação e comunicação: encontramo-nos imersos em um novo espaço hermenêutico.

Se a relação é a categoria central de nosso tempo, sua concretização mais tangível é a internet. Ela propicia o encontro instantâneo, a baixo custo, sem sair de casa, com qualquer parte do mundo. Um encontro extenso: entre pessoas que nunca teriam chance de se encontrar no espaço real; que nunca pensariam em ter uma conversa; ou em debater estes assuntos. Surgem comunidades virtuais, cibernéticas, que dispensam lugares fixos, vizinhança física, igrejas ou salões, compromissos ou dízimos; não conhecem hierarquias, dogmas, normas disciplinares. O encontro na internet é ao mesmo tempo impessoal e interpessoal; pode chegar a ser intenso, caloroso, transparente, sem interferências ou inibições. Conecta pessoas marcadas por fortes diferenças, e não só geográficas e sociais. Na internet dialogam com direitos iguais crente e descrente, ortodoxo e herege, sério e leviano, especialista e picareta; a Bíblia, fruto amadurecido de mais de um milênio de vivências, aparece em paridade de condições com as idéias peregrinas que alguém por acaso teve no dia anterior e resolveu espalhar. O trágico é que, em nossa sociedade excludente, a internet acaba criando uma nova categoria de excluídos: a dos não-conectados por motivos econômicos ou culturais.

A internet tem efeitos iconoclastas: relativiza tudo; destrói hierarquias e pedestais; questiona instituições vetustas e veneráveis. As informações são tantas e tão embasbacantes que pode sobrar pouca disposição para a reflexão e o discernimento. Surgem sempre novos enfoques e novos agrupamentos virtuais. Neste sentido, a cibercultura reforça a tendência à fragmentação, também religiosa. Como se vê, há riscos e benefícios. A internet fragmenta, mas também reintegra sob formas sempre novas; abre horizontes; pode isolar as pessoas, dispensando a comunidade, ou reuni-las virtualmente no mesmo isolamento; mas pode também unir e criar grupos reais; pode reprimir e dominar, como pode libertar da mesmice e do convencionalismo. Democratiza; derruba tabus e grupos de poder que pareciam invencíveis; estimula a ouvir o outro, a manter as próprias convicções e, ao mesmo tempo, a ser maleável; a discernir e tomar posição; a ser responsável. Destrói falsos absolutos; obriga instituições e pessoas a reverem a qualidade de sua oferta religiosa, em termos de métodos e estratégias, linguagem, organização e políticas, competência. Alimenta um cristianismo mais crítico, dialogante, adulto. Em suma, a internet afeta em profundidade o mundo inteiro: ciências, artes, psicologia e política, escala de valores, ética, religião, cultura. Mais que no passado, percebemos como é acertada a observação de Neil Postman[13]: "As novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas *sobre* as quais pensamos. E alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas *com* que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem". A família, a escola, a Igreja continuam a ter influência, cada qual a seu modo; mas não podem mais ignorar os efeitos da informática e da telemática[14].

Internet e bíblia

A Bíblia não podia deixar de receber o impacto das novas tecnologias. Embora de superfície, há um primeiro aspecto a ser relevado. Estamos na época da imagem, nos mais diversos sentidos. Também da imagem que pessoas, instituições e coisas emitem mesmo sem falar, ou apesar do que dizem. É o *ground*[15], fonte primeira de aceitação ou rejeição na sociedade pós-moderna em geral. Ora, a Bíblia não é

11. DONALD, Merlin. *Origins of the modern mind; three stages of the evolution of culture and cognition.* Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1991. Devo a citação a ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação. Epistemologia e didática.* Piracicaba: Unimep, 1996, p. 77.

12. Cf. LÉVY, Pierre. O terceiro estágio da humanidade. Cibercultura supera ciência e religião porque envolve todos os seres humanos, in: *Folha de S. Paulo* 18.01.1998, Caderno *Mais!*, p. 3.

13. POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia.* S. Paulo: Nobel, 1994, p. 29.

14. Boa panorâmica em DERTOUZOS, Michael L. *O que será. Como o novo mundo da informação transformará nossas vidas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

15. Cf. BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender. A geração do audiovisual e do computador.* São Paulo: Paulinas, 1989, p. 45-48.

exatamente atraente para quem não tem familiaridade com ela: um livro grosso, muitas vezes impresso em letra pequena, sem figuras, páginas amareladas pelos anos, quando não por perdigotos de tempos idos; linguagem no mínimo estranha; enfim, à primeira vista um livro que faz de tudo para não ser lido.

As dificuldades não param aí. Na internet, ela é agora um livro sagrado entre outros: as interpretações a que estávamos acostumados, de repente vêem-se confrontadas com outras, quem sabe mais de acordo com a mentalidade moderna. O pensamento da Bíblia sofre críticas, com ou sem razão. Para muitos, o que aprenderam navegando na internet é mais convincente que a Tradição da Igreja. Círculos bíblicos? "É sempre aquela mesmice. Na rede, não: a gente entra num *chat* enriquecedor e ouve vozes novas – sem sair de casa, sem ter que se arrumar, sem perder a novela, sem apanhar chuva".

Valeria a pena compararmos as caraterísticas da pós-modernidade com o espírito que, em geral, envolve a Bíblia ou sua leitura; pois é aí que residem as maiores dificuldades[16]. Seria um trabalho de fôlego. Podemos começar com o esboço abaixo.

PÓS-MODERNIDADE	BÍBLIA
Subjetividade	Autoridade da Igreja para interpretar
Liberdade de opinião	Verdade revelada
O passado não é modelo para o hoje	Autoridade do período fundante
Pluralismo	"Nós" estamos com a verdade
Compreensão do outro	Violência em nome de Deus
Particularismos	Mensagem destinada a todos
"Princípio da incerteza"	"Pensamento forte" do Novo Testamento
Comunicação dinâmica	Produzida lentamente

Por outro lado, à medida que pessoas e grupos se familiarizam com a Bíblia, percebem nela sempre novos aspectos que a tornam um livro incrivelmente atual, nas suas qualidades e até nos seus defeitos. É uma coleção de escritos produzidos, em geral, sem pretensões literárias; têm como base a vida do povinho mais humilde: sua vida, história e cultura, sua organização, suas lutas. Daí o realismo destes escritos: não escondem os erros do povo; não fazem de conta; é freqüente a autocrítica, a revisão.

Sem deixar de mostrar firmeza na fé, a Bíblia sabe ser pluralista nos enfoques e nas interpretações da vida. Josué é diferente de Cânticos; Marcos difere sensivelmente

16. Cf. GRUEN, Wolfgang. O anúncio oculto: Bíblia e inculturação, in: *Convergência*, t. 32, n. 304 (1997), 375-381.

de João. Apesar de nascida no conflito de grupos contrastantes, em seu conjunto a Bíblia não fecha o sentido de suas reflexões, respeita vozes as mais diversas.

Não se limita aos problemas de um povo, nem pára no conjuntural: levanta questionamentos e anseios existenciais, inesgotáveis. Mesmo quando voltada para o passado, sempre tem em vista o presente e o futuro. Tudo isto é escola de sabedoria: estimula a discernir o que é importante e, deste modo, a assumir a própria responsabilidade. Buscar na Bíblia respostas prontas para tudo é atitude antibíblica. O interessante é que, como na internet, na Bíblia ninguém aprende ou acerta sozinho: sempre junto com o tu, o nós e o eles.

Há características da Bíblia particularmente "*In*" hoje em dia. Pensemos na corporeidade, tão presente sob os mais diversos aspectos: boa parte da Bíblia tem cheiro de pó da estrada, de suor do povo; valoriza o ver, ouvir, tocar, comer, fazer. Ligado a isto, o testemunho de emoções pessoais e grupais: a religiosidade de Israel, de Jesus e de seus primeiros seguidores não é nada racionalista. É bom não esquecermos o humor, tão presente no Primeiro como no Segundo Testamento[17], mas infelizmente tão esquecido por nós, homens da Igreja[18]. Pode parecer estranha, mas é significativa a afirmação de Amós Oz, célebre escritor israelense e ativista da paz entre judeus e árabes: "Meu tipo de messias chegará rindo e contando piadas"[19].

E a atmosfera de fé que impregna a Bíblia? Nem tudo foi feito sob medida para todos: há passagens cuja fé robusta nos pode inibir; em compensação, encontraremos personagens menos perfeitos com quem identificar-nos: desde Jonas, cabeçudo, mal-humorado e individualista, até Pedro, impetuoso mas fraco, e o desconfiado Tomé. É justamente isto que torna a Bíblia tão "nossa": cada um pode encontrar nela situações e personagens que lhe sirvam de espelho. Para todos a Bíblia deixa claro que Deus está sempre ao lado de seu povo, dos pequenos, de quem se empenha pela causa dos excluídos; não tolera que se banalize o mistério, que se criem falsos deuses. Este Deus sempre presente manifesta-se por acontecimentos e palavras intrinsecamente conexos (*Dei Verbum* 2), naquilo que os educadores hoje chamariam de "interação", pedagogia dos "projetos"[20] e transdisciplinaridade. Englobando tudo, não será este clima bíblico, ainda hoje, a melhor escola de oração?

17. Com um crescente número de biblistas, julgo esta denominação mais respeitosa que o habitual, mas ambíguo, *Antigo* e *Novo* Testamento.

18. Cf., entre outros, *Bibel Heute* [Bíblia Hoje] Ano 28, n. 111 (1992) *Nie soll er gelacht haben? Spuren des Humors Jesu* [Ele nunca teria rido? Vestígios do humor de Jesus].

19. Amós OZ, em carta a Kenzaburo Oe, Prêmio Nobel de 1994. Em *Folha de S. Paulo*, 10.1.1999, caderno *Mais!*, p. 5. Na *Folha*, a carta está sem indicação de data, mas ela é de 1998.

20. O tão falado ensino por *projetos* não é novo: já foi praticado e pesquisado pelo menos desde o começo do séc. XX. Cf. DE BOUTEMARD, Bernhard Suin. *Projektunterricht: Beispiel Religion*. Düsseldorf: Patmos, 1973.

Questionamentos

O valor da Bíblia é inquestionável; sua influência benéfica pode ser verificada por toda parte. Mesmo assim, o novo que estamos vivendo torna inelutáveis alguns questionamentos. Basicamente: é possível conciliar as atuais epistemologias com o tradicional conceito de uma história da salvação universal, portadora de sentido para gente de todos os tempos e lugares? De que modo se daria esta conciliação? Note-se que a questão vai além do atual debate sobre a teologia cristã das religiões.

Em recente artigo, o sociólogo e historiador da ciência Pierre Lévy[21] sintetizou bem as premissas deste questionamento. Ele afirma com todas as letras que "a cibercultura exprime uma mutação maior da própria essência da cultura, pois ela inventa uma forma de promover a autoconsciência da humanidade sem impor uma unidade do sentido". Na evolução cultural da humanidade Lévy vê três grandes momentos. "Num primeiro momento, a humanidade compõe-se de uma profusão de totalidades culturais dinâmicas ou de 'tradições' mentalmente encerradas em si mesmas"; não se pensa ainda em direitos humanos, religiões universais, raciocínios válidos universalmente: leis, deuses, técnicas, conhecimentos, nada disto é ainda universal em sua própria construção. Num segundo momento, "os escritos e, depois, os impressos comportam uma possibilidade de extensão indefinida de memória social. A abertura universalista efetua-se tanto no tempo quanto no espaço". Este "primeiro universal é imperial, estatal. Ele se impõe por sobre a diversidade das culturas". [....] "Do Estado às religiões do Livro, das religiões às redes da tecnociência, a universalidade afirma-se e ganha corpo, mas quase sempre pela totalização, extensão e manutenção de um sentido único". O terceiro estágio desta evolução, a cibercultura, "preserva a universalidade dissolvendo a totalidade". A tendência agora é a formação de uma única sociedade mundial, embora desigual e conflituosa. "Mas [....] a unidade de sentido é rompida, talvez porque ela comece a se realizar praticamente, pelo contato e pela interação efetiva". Também hoje há tradições. Mas enquanto antes estas "desdobravam-se na diacronia da história" e "a igreja ou a universidade costuravam os séculos um ao outro", agora a cibercultura situa a tradição "na sincronia ideal do ciberespaço. A cibercultura encarna a forma horizontal, simultânea, puramente espacial da transmissão. Para ela, o tempo é uma decorrência. Sua principal operação é conectar no espaço, construir e estender os rizomas do sentido"[22].

Nesta perspectiva, vamos retomar nosso questionamento inicial, formulando-o de maneira mais teológica. Hoje, como é que se manifesta na cibercultura o Deus vivo

21. LÉVY, Pierre. Uma ramada de neurônios. Cibercultura inventa uma forma de promover a essência da humanidade, in: *Folha de S. Paulo*, 15.11.1998, caderno *Mais!*, p. 3.

22. Gostaríamos de deter-nos também sobre este importante conceito de *rizoma*, introduzido por DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Cf. também Assmann, Hugo. *Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 74-85 e 177 (no *Glossário*). Como procedimento (creio que é cedo para falar em método) tem sido aplicado com sucesso na leitura de textos literários; poderia trazer novos horizontes também para a leitura da Bíblia.

da revelação judeu-cristã? Que implicações terá a nova cultura sobre nossa teologia das "fontes da revelação"?

Este questionamento encontra um bom campo de aplicação no uso que fazemos da Bíblia. Ela não é o único livro sagrado, nem o mais antigo: lembremos o Veda e o Avesta, o Tripitaka e o Popol-Vuh, o Livro de Mórmon e o dos Espíritos, para citar alguns. Todos os livros sagrados reivindicam algum tipo de revelação superior, e nós os respeitamos. É evidente que, à medida que se toma maior conhecimento desta multiplicidade, cresce também a tendência a relativizá-los e até a repensar o conceito de livro sagrado. No caso da Bíblia, até que ponto podemos relativizá-la?

A própria Bíblia oferece um importante referencial. Ela ensina contínua e coerentemente a não transformar meios em fins; a não absolutizar o que é humano e, portanto, histórico, quer se trate de uma reflexão, norma ou instituição; ou seja, a rejeitar qualquer forma de idolatria. Jesus, nosso Mestre, relativizou o Templo e as instituições de sua religião: não são elas que salvam! Respeitava a Torah e a conhecia a fundo; com os especialistas sabia argumentar com base em textos bíblicos; mas ao povo só falava por meio de historinhas cheias de sentido (cf. Mc 4,34). Na verdade, não eram historinhas quaisquer: eram a maneira bem judaica de comunicar o espírito da Bíblia; contadas por um leigo, configuravam uma contestação de supostos direitos de exclusividade dos peritos. Com razão a Igreja coloca no centro de sua caminhada para o Pai, não um livro mas uma pessoa: Jesus de Nazaré, que nos "seduz" e convida a seguir seus passos.

Relativizar a Bíblia não significa negar o valor único que ela tem na vida da Igreja e de cada um de nós. Sua atuação, porém, não se dá de maneira mágica, e sim numa preciosa dialética da fé. Principalmente com lideranças de comunidades e de círculos bíblicos vale a pena aprofundar este ponto, que é da maior importância. Em duas palavras:

"O conjunto de escritos que chamamos de Sagrada Escritura é uma seleção de 1600 ou mais anos de reflexão atenta, carinhosa, muitas vezes retomada e revista, sobre o ser humano, a vida, o mundo, a história, o futuro; sobre Deus que caminha conosco. Este material assim ajuntado documenta a maior e mais qualificada história da libertação que temos: uma longa caminhada, na fé e na esperança, com altos e baixos, paradas e retrocessos. Memória desta caminhada, nascida ao longo dela, a Bíblia serviu também para alimentá-la. O passado, relido dentro da problemática do presente, foi levando a olhar para a frente. Ou seja, a Bíblia tornou-se o *testemunho número um* da fé esperançosa de Israel e da Igreja Primitiva e, ao mesmo tempo, *orientação autorizada* desta fé *no período de formação da comunidade* judaico-cristã. Ela é o livro *'arquétipo'* da nossa comunidade de fé; está no âmago de nosso DNA cristão. Nesse sentido, ela é para nós livro normativo"[23].

23. GRUEN, W. *Bíblia e catequese*. Em *Primeira semana brasileira de catequese*. Estudos da CNBB n. 55. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1987, p. 135-161; aqui, p. 140-141, com retoques.

"Será então que basta conhecer a Bíblia para ter respostas concretas sobre questões de religião, política, relacionamento, sexo e semelhantes? Não. Em vez de receitar soluções a Bíblia ajuda a enxergar os problemas e a procurar as melhores respostas, e mostra *como* se hão de buscar estas respostas: engajando-se na comunidade de fé. O que então acontece continua, de certo modo, o processo dialético que deu origem à Bíblia: amadurecido por sua experiência de vida e motivado por sua fé, um grupo eclesial reúne-se para enfrentar seus problemas à luz da Palavra de Deus. Com isto, cresce a maturidade do grupo; seu ver-julgar-transformar será cada vez mais cristão; como também ficará mais profunda sua leitura bíblica: uma coisa irá ajudando a outra. O que orienta nossa vida, mais que o conhecimento de textos bíblicos é o espírito bíblico-eclesial, o amadurecimento humano-cristão estimulado pela leitura da Bíblia no grupo de fé. E quem não tem fé? Talvez a pergunta esteja mal formulada: a fé não é questão de ter ou não ter: muitas vezes ela está silenciosamente presente onde menos se suspeita. Seja como for, dedicar-se seriamente à Bíblia é também abrir-se ao dom de Deus"[24]. Em suma: a Bíblia é ao mesmo tempo fruto de comunidades de fé e semente de fé atuante nas comunidades e pessoas.

"Escritos arquétipos" não significam olhar fixo no passado, obediência rígida à letra, universalismo imperial. Desde suas origens, o judeu-cristianismo é *derek/hodos*/caminho; ora, caminho não é moradia, nem estacionamento; vai sendo feito ao caminhar – mas sabendo onde se quer chegar. Infelizmente, com freqüência busca-se a palavra de Jesus como se ela estivesse conservada num museu; o fundamentalismo bíblico é rejeitado em teoria, mas na prática continua sendo usado, não só em aplicações pietistas, mas até em pronunciamentos empenhativos[25]. O uso fundamentalista da Bíblia não se coaduna com a cibercultura. Sem dúvida, pode-se objetar que "se esta cultura está em desacordo com minhas convicções, pior para ela". Foi assim que pessoas bem-intencionadas responderam a Galileu Galilei; mas não resolveram a problemática que a recusa da modernidade colocava à fé.

Tarefas

Enumerar novas situações e questionamentos que elas levantam já é também sugerir que se pensem, em diversos níveis, as providências a serem tomadas. Na nossa temática, há urgências mais genéricas, muito importantes, mas que não podemos detalhar aqui: tomar consciência do fenômeno e de suas conseqüências na pastoral; perceber quais são os anseios da pessoa interconectada, e como responder a eles; como enfrentar os problemas dos novos excluídos, não-conectados; etc. Aqui limitamo-nos a algumas *prioridades específicas do uso da Bíblia*, que seria preciso encarar quanto antes.

24. IDEM. *A Bíblia na escola. Subsídio para pais e educadores*. São Paulo: Paulus, s/d, p. 13, com retoques.

25. Para a rejeição da leitura fundamentalista da Bíblia, cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 82-86. Para a prática em contrário, cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1992, com suas numerosas "citações de respaldo" ("*dicta probantia*"), muitas delas em linha tipicamente fundamentalista.

Numerosos textos da Bíblia são *chocantes* por causa da cosmovisão que supõem. Não podemos mudar o texto bíblico, mas podemos ajudar a lê-lo de maneira nova. O assunto já foi esquematizado em outras ocasiões[26].

Não podemos mudar a Bíblia; mas podemos evitar *traduções* que não fazem jus ao original, não mais comunicam nesta era da comunicação. O assunto é por demais vasto para sequer esboçá-lo aqui[27].

Reler a Bíblia de maneira libertadora e traduzi-la com sensibilidade são cuidados possíveis e que em diversos setores já vêm sendo tomados. Outra providência pastoral, não menos importante, ainda não tem merecido suficiente atenção: continuamos a usar *formulações e títulos* – divinos, cristológicos ou eclesiológicos – outrora verdadeiras profissões de fé, hoje desgastados, inexpressivos, quando não na contramão das conquistas da modernidade. Um exemplo. Na antiga sociedade pastoril, ovelha, cordeiro, pastor eram importantes referências antropológicas; como tais, também entraram densamente na simbologia religiosa. Quando o antigo israelita oferecia a Deus sua melhor ovelha, entregava-lhe parte de sua riqueza e, portanto, de sua segurança; afirmava assim que sua riqueza e segurança, seu presente e futuro, era Deus. Mas quando hoje chamamos Jesus de "Cordeiro de Deus", que significa isto para os presentes? Que impacto criam hoje expressões como *Reino* de Deus, *derramar* o Espírito, ser batizado *em* Cristo? Outrora comunicavam experiência de fé. Hoje, há o perigo de virarem abracadabra, fórmulas mágicas. O assunto é delicado: símbolos não se criam por ato de vontade; não se impõem. Eles vão surgindo com o tempo; basta que se lhes abra espaço. Está aí uma importante tarefa para a catequese.

Da superfície da linguagem vamos à sua *estrutura profunda*. Como as que a precederam, a cibercultura produz sua *linguagem* própria. É só prestarmos atenção para os jovens, que são o termômetro da sociedade[28]. Generalizando, o que é perigoso mas funcional: o jovem tem ojeriza pela escrita, principalmente por textos mais massudos.

26. Cf. GRUEN, W. Leitura libertadora também de textos não-libertadores da Bíblia, in: *Estudos Bíblicos* n. 32 (1991), 85-88. IDEM. *O anúncio oculto...* (cf. nota 16, acima). IDEM. O judaísmo do tempo de Jesus. Critérios para sua avaliação fraterna, in: *Convergência* t. 34, n. 320 (1999).[*no prelo*].

27. Uma amostra da abundante bibliografia sobre o tema: SECRETARIADO PARA LA UNIÓN DE LOS CRISTIANOS Y SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. *Normas para la cooperación interconfesional en la traducción de la Biblia*. Nueva edición revisada. Tipografía Poliglota Vaticana, 1987. ALONSO SCHÖKEL, Luis e ZURRO, Eduardo. *La traducción bíblica. Lingüística y estilística*. Madrid: Cristiandad, 1977. BUZZETTI, Carlo. *La Parola tradotta*. Brescia: Morcelliana, 1973. NIDA, Eugen A. *Message and mission. The communication of the Christian faith*. New York: Harper & Brothers, 1960. IDEM. *Toward a science of translating*. Leiden: E.J. Brill, 1964. WALSH, J.P.M., S.J. Dynamic equivalence translations reconsidered, em: *Theological Studies* 51 (1990), 497-508. CHOURAQUI, André. Redimere Babele, em: *Il Regno-Documenti* 3/1990, 126-128. GUEUNIER, Nicole. Traduction Biblique et inégalité des langues, em: *Recherches de Science Religieuse* 77/3 (1989), 347-364. FANIN, Luciano. Quale traduzione della Bibbia preferire?, em: *Rivista Biblica* XXVIII (1980), 417-433.

28. Cf. BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender. A geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 38-59. Breve mas bem atualizada é a síntese do "31° Rapporto Censis", *L'incomunicabile compattezza delle piccole tribù*, em *Note di Pastorale Giovanile* XXXII (1998/5), 47-49. Uma amostra interessante em *Folha de S. Paulo* 18.01.1999, *folhateen* p. 5: *As gírias nascem no marasmo do verão.*

Usa um vocabulário reduzido, frases mal construídas, inacabadas, aparentemente pouco lógicas. Sua comunicação é mais imediata, direta, rápida, personalizada, através de meias-palavras, gíria expressiva mas exclusiva da turma, exclamações enfáticas, mímica. Como a própria cibercultura, é uma linguagem bem corporal, visual. É sintomático que muita mensagem está escrita no próprio corpo do/da jovem: "O corpo é construído, esculpido, pintado, furado"[29]. No vídeo como ao vivo, presta-se mais atenção ao jeito da pessoa – como se apresenta, veste, reage, fala, ou seja, a seu "*ground*" – que às suas palavras. Superficialidade? Talvez não: afinal, o *ground* revela muito sobre as pessoas; talvez mais que as palavras. Há décadas o gestaltismo insiste que a percepção de um conjunto precede a de seus elementos, e lhe dá sentido. Pensando bem, com seu jeito bagunceiro, a juventude tem mais profundidade do que parece.

Sintetizando: a linguagem da cibercultura valoriza mais o emocional, o simbólico, a fantasia, a corporeidade, o sensível; é mais dinâmica, provisória, calidoscópica. O "pensamento forte", autoritário, todo certezas e princípios gerais, deu lugar ao "pensamento débil", mais humilde, questionador, respeitoso do outro. Não vamos absolutizar o pensamento débil: seria uma clássica contradição performativa. Na Bíblia encontramos muitos textos "fortes"; e é bom que assim seja: podem servir de contrapeso ao subjetivismo exacerbado que hoje campeia. Não queremos ser "como ondas agitadas pelo vento" (Tg 1,6); pelo contrário, sabemos em quem pusemos nossa confiança (cf. 2Tm 1,12). Mas temos muito para aprender na nova cultura, também em termos de leitura da Bíblia: se não nos prendermos a textos isolados mas olharmos para este conjunto de diversos chamado Bíblia, perceberemos o quanto ela é polifônica e, também neste sentido, atual.

Em termos de *divulgação* e visibilidade, é importante que a Bíblia continue, também na nova cultura, a ocupar espaços nobres. Não parece que o computador vá aposentar o impresso[30]. Continuaremos a precisar de bíblias bem traduzidas, atraentes, de fácil manuseio e compreensão, acessíveis. Junto com elas, teremos todo tipo de novos recursos: CD-ROMs e DVD-ROMs, home-pages, sempre novas técnicas. Mas que sejam usados aproveitando bem os recursos de expressão que comportam[31]. Com

29. 31º RAPPORTO CENSIS, *o.c.*, p. 48.

30. Há vozes isoladas que predizem o fim do livro, como Jean-Paul JACOB (cf. *Jornal do Brasil* 06.04.1998, cad. *Informática*, p. 6). A grande maioria nega esta suposição: Régis DEBRAY (*FSP Mais!* 30.08.1998, p. 7); Roger CHARTIER (*Jornal do Brasil, Idéias/Livros* 24.10. 1998, p. 6); Michel SERRES (*FSP Especial* 19.02.1998, p. 5); Ray BRADBURY, Carlos FUENTES, Jean BAUDRILLARD (todos *ibid.*, p. 12). Umberto ECO distingue entre livros de leitura, que vão permanecer, e livros de consulta, que serão substituídos pelos hipertextos (*FSP Especial* 31.10.1998, cad. 4, p.3).

31. Um exemplo de criatividade: o antropólogo e *videomaker* Kiko GOIFMAN fez sua dissertação de mestrado na UNICAMP tomando como tema *tempo e espaço em uma instituição carcerária*. Na abordagem desta relação já tão complexa, queria apresentar simultaneamente os pontos de vista de vários personagens. Acompanhou então seu texto com um vídeo, articulando o escrito com sons e imagens, tanto fixas como em movimento. Tarefa exigente, pois exigia-lhe pensar ao mesmo tempo as lógicas do conteúdo e da forma. A experiência pioneira foi tão bem sucedida que em 1995 a mesma UNICAMP quis publicar a dissertação em forma de livro acompanhado de CD-ROM, *"Valetes em slow-motion"*. Cf. também a entrevista de Goifman publicada no *Hoje em Dia* (Belo Horizonte), 14.12.1998, caderno *Informática*, p. 11.

ajuda da tecnologia eletrônica, a Bíblia, mais que qualquer outro texto, tem potencial para descortinar riquezas insondáveis: ela é um grande hipertexto, aberto a sempre novas interligações e interpretações, realidade que a leitura talmúdica já descobriu há séculos[32].

O importante é que nossas produções, de boa qualidade, saibam *responder às necessidades mais profundas* de quem vive na cultura cibernética[33]. Com razão comenta Postman: "Um pregador que se limitar a pensar de que modo um meio de comunicação pode aumentar sua audiência não perceberá o que realmente importa: em que sentido um novo meio de comunicação altera o significado de religião, de igreja e até mesmo de Deus?"[34]

Finalmente, uma palavra sobre tarefas em nível de *formação de agentes*. Cedo ou tarde, os estudos bíblico-teológicos terão que ser reestruturados em profundidade: a começar da interdisciplinaridade, que um dia, quem sabe, culmine na transdisciplinaridade[35]. Da maior importância, também, é a constante atualização dos agentes, quer ao longo do processo, com ajuda das infovias, quer através de cursos sistemáticos de reciclagem.

Conclusão

O judaísmo sempre nutriu carinho especial pela Palavra de Deus. No período do Segundo Templo, desenvolveu toda uma teologia da Palavra – preexistente ao universo, mestre de obras de Deus quando da criação do universo, presente em todo o mundo para, finalmente, armar sua tenda em Jacó sob a forma de Torá (cf. Pr 8,22-31; Eclo 24,1-23; Br 3,38–4,4). Ao longo dos séculos, como vimos, esta Torá sempre se beneficiou dos avanços técnicos da humanidade; e os promoveu. É nosso empenho que isto continue.

Toda tecnologia nova assusta, levanta suspeitas, revela riscos que parecem recomendar sua não-aceitação. O problema, mais que na tecnologia, está dentro de nós. É que o novo nos arranca de nossas seguranças: custamos a adquirir certos conhecimentos e habilidades, a adquirir experiência profissional; quando finalmente começamos a ajeitar o novo ninho e, satisfeitos, instalar-nos nele, descobrimos que está na hora de recomeçar a caminhada. Coragem! Foi justamente num processo assim que se formou a Bíblia; na hora da mudança, não estamos sozinhos.

32. Para uma boa reflexão sobre o *hipertexto*, cf. ASSMANN, Hugo. *Reencantar...* (1998 – cf. nota 22, acima), no *Glossário*, p. 154-155. Não fosse a limitação do espaço, valeria a pena reproduzir aqui a pouco mais de página-e-meia que ASSMANN dedica a este verbete.

33. Cf. THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis: Vozes, 1995.

34. POSTMAN, Neil, *o.c.* 29; retoquei a tradução.

35. A *transdisciplinaridade* não é só questão de método: é antes de tudo mentalidade, atitude, prática coerente que, sem abolir as disciplinas, supera a compartimentação da aprendizagem, a lógica e o primado das disciplinas, o programa preestabelecido.

Há 2000 anos, a Palavra de Deus fez-se presente de modo eminente numa pessoa: em Jesus de Nazaré. Na releitura que ele fazia e ensinou a fazer, a Torá tornou-se uma mensagem convidativa e acolhedora, atenta prioritariamente aos que a sociedade exclui e esquece. Jesus mostrou que comunicar é primeiramente comunicar-se: acolher e deixar-se acolher. *Esta* comunicação nunca envelhece nem será superada por técnicas, por maravilhosas que sejam; nunca será substituída. Será a alma de toda tecnologia de comunicação.

Wolfgang Gruen
C.P. 1178
30161-970 Belo Horizonte, MG